

## VIOLÊNCIA SEXUAL E POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA: UMA EXPERIÊNCIA VIA INSTAGRAM

Alexia Fagundes de Lara<sup>1</sup>

Marcela Teixeira Godoy<sup>2</sup>

### RESUMO

Acerca das leituras realizadas para o presente estudo, a violência sexual é considerada um crime fantasma, devido ao baixo número de denúncias, sendo um falso reflexo do que de fato acontece com diversas crianças e adolescentes. Desta forma, foram elaborados materiais, por meio dos quais familiares e principalmente professores possam obter subsídios para iniciar um comprometimento efetivo com a causa. O objetivo é evidenciar algumas informações que constituem a realidade de inúmeras pessoas. A presente pesquisa refere-se à divulgação científica por meio da plataforma digital do Instagram estabelecendo bases de informações que envolvem a violência sexual nos mais diversos meios. O objetivo de nosso trabalho foi perceber as concepções da sociedade que usa essa plataforma a respeito do tema, assim como propor uma sequência didática denominada Unidade de Ensino Potencialmente Significativa (UEPS) para auxiliar os professores a trabalhar com o tema. Os sujeitos da pesquisa foram alunos, professores e a comunidade em geral, totalizando 80 participantes. Os resultados mostram que o assunto da violência sexual ainda é um tabu na sociedade pesquisada, que a violência ocorre a quase todo o momento, independente de gênero, sexo, classes social, religião ou condição intelectual e que os professores não se sentem preparados para abordar a temática na escola.

**Palavras-chave:** Divulgação científica. Aprendizagem significativa. Violência sexual. Ensino de Ciências. Sequência didática.

## SEXUAL VIOLENCE AND POPULARIZATION OF SCIENCE: AN EXPERIENCE THROUGH INSTAGRAM

### ABSTRACT

About the readings performed for the present study, sexual violence is considered a phantom crime, due to the low number of complaints, being a false reflection of what actually happens to children and teenagers. In this way, were elaborated contents, where family members and especially teachers can have access and make an effective commitment to the cause. The objective is to highlight some information that constitutes the reality of countless people. This research refers to scientific dissemination through Instagram's digital platform, establishing information bases involving sexual violence in the most diverse ways. The objective of our study was to understand the conceptions of the society that uses the platform regarding the theme, as well as to propose a Potentially Significant Teaching Unit (PSTU) to help teachers to work on the theme. Students, teachers and society at large participated in the survey, totaling 80 participants. The results show that the subject of sexual violence is still a taboo in the researched society, that violence occurs almost all the time, regardless of gender, sex, social class, religion or intellectual condition and that teachers do not feel prepared to address the theme at school.

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: alexiafagundesdelara@gmail.com

<sup>2</sup> Professora adjunta do Departamento de Biologia Geral da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação.

**Keywords:** Scientific divulgation. . Learning means. Sexual violence. Science teaching. Following teaching.

## INTRODUÇÃO

A partir do meu envolvimento no Grupo de Pesquisa em Ensino de Ciências (GEPEC-UEPG), foi possível ampliar informações e inúmeros questionamentos a respeito do tema da violência sexual, principalmente sobre veículos para divulgações com informações emancipadoras e responsáveis.

Entendemos as plataformas digitais como facilitadoras no processo de popularização da ciência, as quais se posicionam em lugar de destaque como fator de socialização. Partindo desse princípio, o presente trabalho procurou saber inicialmente quais percepções às pessoas possuem a respeito da violência sexual, e como estas se apropriam de tais informações para explorar o tema com crianças e adolescentes.

A educação no campo social constitui-se como um ato político tendo em vista atitudes de acolhimento e transdisciplinaridade de saberes, com isso a presente pesquisa contribui nessa perspectiva. De forma a transformar o espaço pedagógico são necessárias estratégias eficazes para ser possível fornecer esclarecimentos voltados à realidade dos alunos, considerando o favorecimento da aprendizagem, mas primordialmente o bem-estar de todos.

A divulgação adequada a respeito da violência sexual permite que a comunidade em geral, amplie suas lentes, desempenhe o papel de sujeitos dignos de compaixão e sensibilidade para contribuir com a causa, onde abordem informações corretas que infelizmente fazem parte da realidade de inúmeras crianças e adolescentes.

A violência sexual está presente, e é vivenciada, mas silenciada de distintas maneiras, tais como, negligência, aliciamento, vergonha por parte das vítimas, ameaças, e por diversas instâncias de fatores que corroboram para a continuidade de tal situação.

Conforme as considerações de Sanderson (2005), as denúncias que chegam ao sistema de justiça criminal não revelam a realidade a qual se encontra os casos de violência sexual, pois tal condição mascara o que de fato acontece com as crianças e adolescentes.

Para Sanderson (2005), "Adultos e crianças costumam ter concepções errôneas quanto ao abuso sexual em crianças, alimentadas pelos casos de grande divulgação na mídia que geram medo e ansiedade incontrolláveis".

O Ministério da Saúde (MS) do ano de 2013, a qual compõe as variáveis sobre dados gerais da notificação da pessoa que sofreu violência, no Brasil o predomínio dos casos é associado a violência física, mas logo atrás está a violência sexual atingindo a segunda maior categoria de violência, com indivíduos na faixa etária entre os 10 aos 14 anos.

De acordo com os dados de Sanderson (2005), os impactos da violência sexual em crianças, incluem efeitos drásticos no desenvolvimento neurobiológico, independente se a violência for física, psicológica ou sexual, pois as alterações decorrentes afetam a vida da vítima de forma a resultar distúrbios mentais, principalmente estresse pós-traumático.

Ou seja, diante das informações que repercutem o tema, faz-se necessário o apoio associado a intervenções dentro de instituições, de maneira que as vítimas se sintam seguras e tenham voz, juntamente a sociedade conscientize-se por meio dos fatos sobre a natureza real da violência sexual, de modo a apropriar-se de estratégias de proteção acerca dos potenciais perigos, assim como também contribuir com o processo de desculpabilização das vítimas.

Levando em conta tais aspectos, Sanderson (2005) traz a reflexão a seguir:

A conscientização da violência sexual permite que problemas reais não sejam varridos para debaixo do tapete ou ignorados. Ela permite aos pais e aos professores conversar com as crianças sobre os perigos da violência sexual e sobre a melhor maneira de mantê-las seguras. Falar sobre o tema elimina o segredo e o silêncio que o ocultam, garantindo que não permaneça escondido. Não falar a respeito favorece aos propósitos do abusador sexual, que precisa silenciar a criança para evitar ser exposto.

Ainda sobre as considerações da autora, ela traz a seguinte questão de que "somente quando toda a comunidade estiver envolvida na proteção de crianças é

que será transmitida uma mensagem clara e unificada de que a sociedade não tolerará o abuso sexual em crianças.” (SANDERSON, 2005, p. 13).

O objetivo geral de nossa pesquisa foi investigar uma proposta de formação sobre violência sexual por meio do Instagram.

Nossos objetivos específicos foram:

- I. Avaliar as potencialidades do Instagram para formação sobre violência sexual;
- II. Elaborar alternativas didáticas para a aprendizagem de conceitos sobre os sinais precoces da violência sexual;
- III. Disponibilizar a Unidade de Ensino Potencialmente Significativa para que os professores possam utilizar o material para trabalhar o tema com os alunos, visando a contribuição de algumas das demandas necessárias para reflexão do assunto em sala de aula.

## 1 REFERENCIAL TEÓRICO

A consciência sobre os impactos da violência sexual, assim como, as características apresentadas pelas vítimas, são considerações essenciais para que medidas eficazes sejam tomadas para redução dos casos. A violência sexual é marcada por um problema de saúde pública, embora ainda acabe sendo subnotificada.

Porém, esses fatos não explicam a totalidade do fenômeno, claramente outros fatores estruturais estão associados, assim como conjunturais devem ser considerados em questão. Diante disso, nada justifica tais atos, sejam eles de forma física, psicológica ou sexual. Nesse sentido, Lira afirma:

O abuso sexual no contexto familiar constitui uma experiência traumática que afeta, sobretudo, o desenvolvimento emocional de crianças e adolescentes, resultando em prejuízos que podem se prolongar até a vida adulta. Trata-se de um fenômeno cuja revelação cria um processo complexo para a própria pessoa abusada, considerando, principalmente, o estágio de desenvolvimento psicossocial em que se encontra. (LIRA *et al.*, 2016, p. 2).

Ademais, outras “Pesquisas apontam uma variedade de consequências emocionais, comportamentais, sociais e cognitivas associadas à ocorrência de abuso sexual infantil (ASI).” (BRIERE *et al.*, 2003, p. 13).

Crianças vítimas de abuso sexual infantil (ASI) podem apresentar sentimento de culpa, dificuldade em confiar no outro, comportamento hipersexualizado, medos pesadelos, isolamento, sentimentos de desamparo e ódio, fugas de casa, baixa autoestima, sintomas somáticos, agressividade, entre outros sintomas. (AMAZARRAY; KOLLER, 1998, *apud* BORGES, 2007)

Os traumas vivenciados pela vítima de violência sexual afetam diretamente o seu desenvolvimento, de maneira, que o indivíduo apresenta dificuldades ao longo de sua vida, dessa maneira, o apoio é um aliado para auxiliar nas dificuldades circunstanciais que precisam ser enfrentadas.

“Particularmente, crianças que recebem suporte após a revelação da violência sexual tendem a apresentar um ajustamento psicológico mais adaptativo do que as crianças sem suporte.” (DiLillo *et al.*, 2003 *apud* BORGES; DELL’AGLIO, 2008).

Ou seja, “ressalta-se a importância de analisar os fatores de risco intrafamiliar dentro de uma perspectiva mais compreensiva, a qual inclua os demais contextos de desenvolvimento humano nos casos de trauma na infância.” (ZAVASCHI *et al.*, 2006 *apud* BORGES; DELL’AGLIO, 2008).

Além dos problemas já descritos, existem outros, tais como:

Transtornos psicológicos, como Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), Depressão, Ansiedade, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Transtorno de Conduta, Transtorno de Abuso de Substâncias têm sido associados à ocorrência de violência sexual na infância. (ACKERMAN *et al.*, 1998 p. 14 *apud* JEANE, 2007).

“A interação de fatores de risco e de proteção pode contribuir para uma maior vulnerabilidade individual, familiar e social ou para um processo de resiliência, mesmo diante de um contexto de adversidades.” (KOLLER; DE ANTONI, 2000 *apud* BORGES; DELL’AGLIO, 2008, p. 3).

Dessa forma, outros aspectos relevantes, são de que, segundo Hanson “a falta de fatores de proteção poderia ser mais importante para a ocorrência de abuso sexual infantil, visto as exposições frente as famílias violentas, do que a presença de fatores de risco.” (HANSON *et al.*, 2006).

Para alguns autores, os estudos voltam-se para os prejuízos na vida das vítimas de violência sexual, e estes colaboram com as seguintes bases:

O abuso sexual em crianças também tem impacto na regulação da emoção. Forrest (2001) “sugere que o estresse precoce afeta a interação entre a criança e a pessoa que cuida dela, e pode resultar em inibições laterais entre subsistemas de autorrepresentação conflitantes, que são normalmente integrados a um sistema unificado. Dessa forma, o estresse associado a um grave abuso sexual em criança precoce cria descontinuidade na organização do eu. Essa falha de integração do eu a um todo organizado e unificado resulta em catastróficas ansiedades internas na criança, que podem ser inconscientemente reencenadas.” (FORREST, 2001, *apud* SANDERSON, 2005).

De tal maneira, Sanderson traz a reflexão de que “historicamente, tem se argumentado que o cérebro em desenvolvimento evoluiu de maneira a ser moldado por experiências e por meio de adaptação.” (TEICHER, 2002, *apud* SANDERSON, 2005).

Segundo as colocações da autora:

O desenvolvimento cerebral não é suficiente para lidar com estresse grave e abuso, o dano resultante é não adaptativo. A exposição ao estresse precoce gera efeitos moleculares e neurobiológicos que agem sobre o desenvolvimento neural de maneira adaptativa, preparando o cérebro adulto para sobreviver e se reproduzir em um mundo perigoso. (SANDERSON, 2005, p. 186).

Partindo desse pressuposto, é fundamental que as famílias, professores e pessoas da comunidade em geral, tenham a consciência de que a realidade envolvida é brutalmente vivenciada por alguém próximo, onde também, inúmeras destas ocorrem todos os dias com distintas pessoas. Assim como, no que se refere ao olhar atento dos professores, deve-se ter a dedicação e comprometimento com a causa de forma a ampliar o panorama dos potenciais perigos e contribuir com a proteção das crianças e adolescentes. Novamente Sanderson, nos instrui a pensar em estratégias viáveis, e essas estão colocadas a seguir:

As escolas e os professores podem assumir a responsabilidade na educação de crianças sobre o abuso sexual ao lhes proporcionar classes estruturadas. Tendo em vista que as crianças veem os pais e os professores como a principal fonte de conselhos em muitas áreas, é imperativo que haja alguma sinergia entre a casa e a escola no reforço de mensagens de segurança. Essas podem incluir mensagens de segurança geral sobre os perigos da violência sexual e do aliciamento e, também, sobre os perigos da Internet. (SANDERSON, 2005, p. 280).

À vista disso, o meio escolar é um grande alicerce, pois pode ser caracterizado como fonte de apoio e divulgador de informações protetivas. Assim, vale-se colocar que o ideal são incluir práticas, como também treinos de mensagens de segurança, utilizar as possibilidades de materiais, tais como vídeos e imagens, as quais possam ser discutidas e abordadas de forma a revelar situações potencialmente perigosas, onde o objetivo se estabeleça nas condições dos alunos terem a percepção de como evitar e o que fazer caso sintam-se em uma posição de perigo.

Para garantir a prevenção do crime sexual contra crianças, a violência sexual precisa se tornar uma prioridade para todos os membros da sociedade. As crianças têm direito à segurança e à proteção – o que pode ser reforçado com a providência de informações exatas sobre os assuntos relacionados ao ASC e com a separação entre fato e ficção. Somente esses cuidados permitem aos adultos dissipar mitos e estereótipos que servem para distorcer a realidade da violência sexual. O acesso à informação serve para prover os adultos do conhecimento que lhes permite proteger efetivamente as crianças, mais do que tranquilizá-las com um falso sentimento de segurança. (SANDERSON, 2005, p.283).

Outro fator importante a ser discutido, é que algumas pessoas enxergam a violência sexual, de forma que o falar sobre violência sexual é atribuído a um tabu, ou seja, automaticamente a vítima acaba sendo impedida de falar sobre as experiências as quais lastimavelmente vivenciou.

Pais e adultos acham igualmente difícil falar sobre a violência sexual. Todos concordam que é terrível, mas ainda se tem medo de conversar sobre o assunto de maneira calma e equilibrada. Se os adultos acham difícil falar sobre, não é de surpreender que as crianças também o achem. A consciência sobre a violência sexual e o diálogo público saudável pode capacitar pais e professores para tratar desses assuntos em casa, na escola e na comunidade. Não falar sobre, não o afasta, mas, sim, colabora com a necessidade de silêncio que o abusador tem. (SANDERSON, 2005, p. 284).

Com relação aos atendimentos às vítimas de violência intrafamiliar, os profissionais têm apresentado dificuldades em adotá-los como conduta padrão. Logo, a reflexão se estabelece conforme os resultados de que o tema a respeito da violência sexual é pouco abordado nos cursos de graduação (GONÇALVES; FERREIRA, 2002).

Estudos indicam que existem certos indícios de violência sexual apresentados pelas vítimas que favorecem a identificação, nesse aspecto, são

apresentadas mudanças súbitas e permanentes no comportamento, levando a suspeita de violência sexual. A Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência – ABRAPIA (1997) destaca determinados comportamentos indicativos dessa forma de violência:

[...] baixa autoestima; altos níveis de ansiedade; distúrbios no sono e na alimentação; enurese noturna (urinar na cama); problemas no aprendizado e dificuldades de concentração; mudanças extremas, súbitas e inexplicadas alterações no comportamento da criança /adolescente; comportamento muito agressivo ou apático/isolado; regressão a um comportamento muito infantil; tristeza e abatimento profundo; comportamento sexualmente explícito ou presença de conhecimentos inapropriados para a idade; masturbação visível e contínua; brincadeiras sexuais agressivas; relutância em voltar para casa; faltar frequentemente à escola e ter poucos amigos [...] (p. 46).

A escola enquanto instituição educadora e formadora, deve possuir profissionais que cumpram com papéis de sujeitos que colaboram significativamente com a causa, apresentem competências teóricas com relação à área da educação sexual, para que assim, seja possível ampliar o aperfeiçoamento do conhecimento profissional em sala de aula. A reflexão de que um ambiente escolar que aborda somente questões propriamente ditas biológicas, sem trabalhar os aspectos sociais e éticos, certamente, não compactua com tal necessidade educacional, muito menos, social. Juntamente, alguns pontos de questionamentos, onde determinados autores nos auxiliam ao descrever as seguintes questões:

O desenvolvimento em situação de risco envolve obstáculos individuais ou ambientais que aumentam a vulnerabilidade de jovens, proporcionando resultados negativos na sua construção. Desta maneira, compreende-se a importância de a Instituição fornecer amparo que auxilie no desenvolvimento dos alunos para além da educação. (ENGLE, CASTLE, & MENON, 1996, *apud* AMPARO *et al.*, 2008)-

Por fim, reitera-se a necessidade de um ambiente escolar que esteja em favor à proteção da criança e do adolescente, assim também, com a formação de professores sendo compatível com as demandas reais do cotidiano de inúmeras vítimas da violência sexual. Portanto, o nosso referencial salienta a instituição escolar comparecendo como local acolhedor, o qual irá contribuir com o desenvolvimento de questões para além de conteúdos ditos formais, nessa perspectiva, colocamos a instituição de ensino favorecendo consideravelmente o



avanço de informações a respeito da violência sexual em nossa sociedade.

## 2 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa apresenta cunho qualitativo e foi desenvolvida com 80 participantes, os quais em sua maioria encontram-se na faixa etária entre os 20 a 30 anos. No que diz respeito a identidade de gênero do total dos participantes, houve 47 mulheres e 13 homens, os quais se enquadram em maior número como universitários da Universidade Estadual de Ponta Grossa, mas também se fizeram presentes pessoas das demais esferas da sociedade

Com relação a enquete disponibilizada nos stories da página do Instagram *@florescendovozes.disque100*, foi composta por algumas questões, que tiveram por objetivo a rapidez na coleta de dados, qualidade, interatividade, representatividade e respeito com as informações fornecidas pelo público.

Link para o acesso: <https://www.instagram.com/florescendovozes.disque100/>

### 2.1 Divulgação

As atividades foram planejadas conforme as instâncias facilitadoras que o Instagram proporciona para as realizações de divulgações, tanto com a sua plataforma de fácil utilização, como seu caráter social, o qual atinge diversos públicos.

A divulgação da página do Instagram “Florescendo Vozes”, foi realizada via WhatsApp para um grupo de professores da educação básica e ao grupo de alunos da Licenciatura em Ciências Biológicas da UEPG.

Já a Unidade de Ensino Potencialmente Significativa (UEPS) foi disponibilizada em uma publicação no *feed* do *Instagram*, e o material encontra-se disponível em um driver para que as pessoas tenham acesso.

## 2.2 Página do Instagram - Florescendo Vozes

A condução da página, é de responsabilidade da aluna pesquisadora, consiste em publicações voltadas para informações gerais acerca da violência sexual, as quais ocorrem sem cronograma estabelecido no momento. Com relação aos aspectos visuais, foram submetidas artes informativas para contemplar a qualidade da divulgação, contou-se com a plataforma de edição “Canva”, sendo realizadas edições para a logo da página, e desenvolvidas as edições de imagens e textos para as divulgações no feed (local onde percorre o fluxo de conteúdo) do Instagram.

Quanto aos pontos que foram abordados na página do Instagram, referem-se aos principais mitos sobre a violência sexual; como identificar os sinais de abuso sexual; características especiais das crianças e adolescentes que sofrem/sofreram violência sexual; práticas pedagógicas: orientações metodológicas para intervir, prevenir, notificar.

O trabalho na referida página conta com uma abordagem reflexiva e sensível acerca da violência sexual. As etapas das divulgações foram as seguintes:

1. Elaboração e implementação do conteúdo sobre violência sexual, com o intuito de fomentar conhecimentos e movimentar estratégias sobre violência sexual para iniciativas de pautas dentro de instituições.
2. Treinando o olhar para identificar a violência sexual, com bases em pesquisas.
3. Disponibilização de filmes, documentários, sites que abordem as realidades da violência sexual.
4. “Construindo uma proposta pedagógica de prevenção à violência sexual com a rede de atenção à infância e adolescência”. Nessa etapa, foi divulgado uma publicação referente a UEPS produzida, comentados aspectos da construção dessa proposta e por fim a disponibilização do link do driver, no qual se encontra a UEPS.

## 2.3 Proposta de UEPS

Buscou-se desenvolver a Unidade de Ensino Potencialmente Significativa com abordagens que relacionam valores éticos, sociais e humanos, compreendendo as particularidades sensíveis do tema.

Para o desenvolvimento do material (UEPS) foi utilizada pela aluna pesquisadora a plataforma do programa WPS Office, o qual possui a mesma funcionalidade do pacote da *microsoft office*, foram atribuídas as informações a respeito da violência sexual. Os fins que corroboraram para a produção desse material se devem ao fato de o tema ser desprovido de abordagens no ambiente escolar, em sua maioria nem se quer são questionadas informações a respeito.

Dessa maneira a UEPS produzida pode ser uma alternativa para que os professores explorem o tema em sala de aula, com o objetivo de favorecer uma rede de proteção as crianças e adolescentes. Identifica-se o material como um processo facilitador para auxiliar no processo de uma formação mais humanista, apresentando integrações com as diferentes áreas do conhecimento, e dispendo o despertar da responsabilidade, empatia e compromisso com a sociedade.

A Unidade de Ensino Potencialmente Significativa apresenta vídeos, perguntas, situações-problema, realizações de pesquisas, abordagem expositiva dialogada, informações de como e onde notificar casos de violência sexual, produção de mapa mental, folder, abordagens sobre os mitos acerca do tema, filmes e produção de relatório.

Dessa forma, que novas perspectivas sejam alcançadas com abordagens conscientes dentro de instituições escolares, tendo em vista a utilização dos recursos disponíveis na página do Instagram.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 3.1 Participantes

A disparidade entre mulheres e homens na pesquisa, fez como que se levantassem algumas reflexões sobre o principal motivo das mulheres estarem em

maior totalidade. Historicamente as mulheres estiveram em um local de maior vulnerabilidade, isso por diversas instâncias culturais, onde o homem apresentava posse por sua mulher, e esta passava por violências físicas, psicológicas e sexuais. Assim também, vale-se trazer a informação de que a violência sexual é considerada um tabu, como muito bem coloca a autora Sanderson (2005), quando traz que o tabu não é a violência sexual em si ou o fato dessa situação acontecer, mas, sim, falar sobre a violência sexual. Diante disso, ainda podemos destacar algumas considerações da autora, como por exemplo, muitas vezes a criança, vítima, não ser permitida de falar sobre suas experiências com a violência, pois os próprios pais e adultos possuem dificuldades para falar sobre esse assunto.

Ressaltamos o fato de o porquê tiveram poucos homens na pesquisa, isso se concentra conforme o reflexo da sociedade machista, a qual vivemos, desta maneira, torna-se extremamente difícil falar sobre violência sexual com meninos, onde são vários os problemas encontrados, tais como o alto índice de preconceito nas denúncias, a condição em si, sendo colocada como algo vergonhoso, motivo de chacota, em virtude na sua maioria, vindas das situações de homofobia, tornando as denúncias totalmente constrangedoras para vítima conseguir revelar.

Além disso, são vários os desafios que homens enfrentam, devido a fatores sociais, tais como, os estereótipos que dizem respeito ao homem hétero e também as imposições sobre a masculinidade, nesse ponto vale-se pensar, quantos padrões são colocados para designar “o que é o ser homem”. Conforme algumas informações encontradas, no blog “psicologia viva”, pode-se refletir sobre as colocações do psicólogo Rodrigo R. Teixeira, o qual comenta sobre os homens que sofreram violência sexual na idade adulta, “sentem-se envergonhados, inseguros, pois acreditam que deveriam ter sido ‘suficientemente fortes’ para combater o agressor.”

Com os relatos das vítimas, podemos identificar o quanto são sobressaídos os sentimentos de culpa, constrangimento, medo, e por fim, a devastação de ser estigmatizado como um ser que não revela os padrões e estereótipos de ser um homem.

### 3.2 Enquete

Em nossa pesquisa fornecemos uma enquete que foi composta por cinco perguntas, onde obtivemos as seguintes respostas:

A primeira pergunta foi, “**você conhece alguém próximo que sofreu violência sexual?**”. Na enquete foram colocadas duas opções para os participantes, sendo sim, caso conhecessem alguém próximo e, não, caso não conhecessem.

Na totalidade das respostas, foram 73% dos votos para sim, evidenciando o quão comum é esse tipo de violência, uma vez que, apenas 27% dos participantes relatam não conhecer alguém próximo que sofreu violência sexual.

Conforme os resultados podemos analisar que existem inúmeras vítimas que sofreram ou sofrem violência sexual, mas a questão mais pertinente, é que a realidade é muito mais preocupante, pois, mesmo se tendo alguns dados, ainda se tem pessoas que não revelam a realidade de estar passando por uma situação de violência sexual, e nem sequer realizaria uma denúncia.

Sanderson aponta informações que explicam tais situações:

Considerando o baixo número de denúncias que chegam ao conhecimento do sistema de justiça criminal, a violência sexual é considerada um crime fantasma, sendo um falso reflexo do que de fato acontece com inúmeras crianças e adolescentes. ” (WYRE, 2000, *apud* SANDERSON, 2005).

Já na segunda pergunta, foi pensado em compreender a proporção a respeito da identidade de gênero das vítimas, sendo colocado se “**a vítima era um Homem ou uma Mulher?**”. Na enquete havia a possibilidade de o participante escolher a opção Mulher ou a opção Homem.

Os resultados evidenciaram que 87% dos participantes revelam que a vítima é uma mulher, e em menor porcentagem de participantes, 13% afirmam que a vítima é um homem. Nessas circunstâncias, podemos observar alguns dos reflexos de nossa sociedade, onde o falar a respeito da violência sexual acaba colocando o homem em um local de fragilidade, ou seja, revela o baixo resultado de homens que são vítimas de violência sexual.

No livro de Sanderson é colocado esse mesmo ponto, a seguir a referência:

Sem dúvidas, crianças de ambos os sexos são vítimas, mas as estimativas apontam as garotas como as mais vulneráveis. Estima-se que 73% de todas as vítimas de abuso sexual em crianças sejam do sexo feminino e 27% sejam do sexo masculino. (ChildLine, 2003, *apud* SANDERSON, 2005).

Apesar de ser colocado o termo criança na referência acima, podemos atribuir essa informação para os adultos, visto que a maioria dos casos ocorre quando a vítima é apenas uma criança.

A terceira pergunta refere-se a circunstância de que se **“a pessoa foi violentada por alguém conhecido da família ou desconhecido?”**, as respostas não foram surpreendentes, para 83%, ou seja, a maioria dos participantes correspondia com a ocorrência da pessoa ter sido violentada por alguém conhecido da família, e 17% por alguém desconhecido.

Os dados acima, não apresentam algo inesperado, tal condição, está em virtude relacionada com a possibilidade de se conseguir evidenciar em qualquer referência bibliográfica que a maioria dos casos de violência sexual diz respeito a uma situação perpetrada por alguém conhecido da família.

As ocasiões em questão se desenvolvem conforme as fragilidades das percepções dos pais ou responsáveis, pois os cenários envolvidos em atos de violência sexual vão além de certas compreensões. Além disso, apresenta-se de encontro com esses casos, a informação referente ao processo de aliciamento por parte dos agressores, a qual é uma das características mais recorrentes em casos de violência sexual em crianças.

O maior risco de violência sexual está na comunidade local, com 87% de violências sexuais cometidas por alguém que é conhecido da criança, como um familiar, um vizinho ou um amigo da família (ChildLine, 2003, *apud* SANDERSON, 2005).

Existem maneiras para se criar uma rede de apoio para proteger as crianças e os adolescentes, mas para isso é necessário evidenciar a realidade da violência sexual, pais e responsáveis equipados de informações detalhadas terão a possibilidade de proteger as crianças e adolescentes de serem abusados sexualmente.

Porém, “nosso conhecimento sobre pedófilos e abusadores sexuais de crianças, no entanto, é limitado, pois somente 10% chegam ao conhecimento de justiça criminal” (SANDERSON, 2005).

Desta maneira, mesmo se tendo diversas informações, ainda lastimavelmente, existem muitos detalhes ofuscados, conforme a autora Sanderson (2005) traz em seu livro, “nós não sabemos praticamente nada sobre os outros 90% que não foram detectados, ou seja, é um fato extremo, mesmo com diversos cuidados, as crianças não estão isentas de sofrer algum caso de violência.”

Embora a base de conhecimento ainda esteja em sua infância, uma consciência ampliada e relatos de violência sexual proporcionam informação considerável, que pode ser utilizada com sucesso na proteção de crianças. (SANDERSON, 2005, p. 53)

Em tempos não muito distantes, ainda se consideravam as concepções de que alguém dito perigoso seria aquela pessoa que é desconhecida da família, muitos pais ou responsáveis, utilizavam como estratégia de proteção, alertar as crianças dizendo a elas para “não conversarem com pessoas estranhas”, “não confiarem em estranhos”, ou seja, retirando totalmente o perigo que se encontra no contexto de se ter alguém próximo que realize uma violência sexual.

Não mais podemos proteger nossas crianças avisando somente sobre o “perigo dos estranhos”. Precisamos reconhecer que, na maioria dos casos (87%), o abusador sexual é conhecido da criança. (SANDERSON, 2005, p.19).

A consciência de que qualquer pessoa pode ser um perpetrador do abuso sexual, é um aspecto extremamente válido, pois nessas condições, encontram-se homens ou mulheres, podendo ser adultos ou até mesmo crianças mais velhas. Compreender que até mesmo um dos pais pode ser esse agressor, parentes, amigos, vizinhos, professor, policial, médico. São inúmeras as possibilidades de se encontrar alguém, uma pessoa comum, a qual encontramos durante a nossa vida.

Desse modo, é necessário estar atento a todo momento, se questionar em qualquer situação, não fechar os olhos perante uma dúvida. A realidade necessita de maior sensibilidade com aqueles que muitas vezes continuam calados mesmo sendo abusados sexualmente todos os dias, os atos ocorrem em lugares escondidos, e as vítimas são intimidadas ou manipuladas para não revelar o abuso.

Segundo a autora Sanderson (2005), a violência sexual costuma ser sistemática e repetida por um período de anos, com uma duração média de mais de um ano. E dessa forma, a repetição dos atos pode aumentar, chegando a situações cada vez mais graves.

Faz-se necessário lembrar que o primeiro ambiente de vivência e socialização da criança é o familiar, e a escola, o segundo. Quando a família é a perpetradora da violência contra a criança e o adolescente, ou quando ela fracassa em seu papel de provedora, formadora e protetora, a escola será, em muitos casos, a única a zelar pela proteção dos educandos, uma vez que a família se torna omissa, agressora ou transgressora de sua função. Não se trata de a escola trazer para si a responsabilidade que é da família, mas sim, contribuir para que esta possa conhecer sua função e responsabilizar-se, tendo como alternativa para isto, por exemplo, o ensino do exercício de cidadania, o esclarecimento, as orientações aos familiares e, quando cabível, a denúncia das agressões para os órgãos competentes. (INOUE; RISTUM, 2008).

Na quarta pergunta, foi colocada aos participantes a seguinte questão **“a faixa etária da pessoa se enquadra em: criança: até os 12 anos de idade. ( ); adolescente: entre 12 e 17 anos de idade. ( ); adulto: 18+; ( ).”**

Nessa etapa obtiveram-se os respectivos resultados, 44% se enquadram como crianças, 34% adolescentes e 22% adultos. Com relação as observações, sem dúvidas, crianças de ambos os sexos são as principais vítimas, mas conforme apontam as estimativas em pesquisas, as meninas são as mais vulneráveis.

Estima-se que 73% de todas as vítimas de abuso sexual em crianças sejam do sexo feminino e 27% sejam do sexo masculino, (ChildLine, 2003, *apud* SANDERSON, 2005). Porém, essas informações são, muitas vezes, reflexos da tendenciosidade das denúncias, ao invés de identificar o número correto em relação ao sexo das vítimas. Nesse sentido, podemos destacar as questões sobre o tabu acerca da violência sexual contra meninos, uma vez, que meninos apresentam dificuldades em admitir que não foram capazes de protegerem a si mesmos, e a homofobia, com fortes estereótipos conforme a sexualidade e masculinidade.

Sanderson (2005), traz que em culturas homofóbicas, onde se espera que os homens sejam capazes de se proteger de abusos e de serem os iniciadores sexuais, os garotos podem experimentar enorme vergonha e culpa se forem vitimados.



O aspecto cultural, onde o homem deve ser visto como um ser dotado de força, e que não se pode falar sobre os sentimentos, torna os sujeitos reprimidos, onde por exemplo, não conseguem externalizar que estão passando por uma situação de violência sexual, visto que sentem vergonha e constrangimento.

O abuso sexual em crianças pode começar em qualquer idade, desde as primeiras semanas de vida (há bebês com doenças sexualmente transmissíveis) até os 18 anos. Embora os estudos variem em suas estimativas, acredita-se que a faixa etária de maior risco seja aquela entre 5 e 12 anos, porém crianças cada vez mais novas estão sendo usadas na produção de imagens de pornografia infantil. (SANDERSON, 2005, p.18)

Ao identificar que a maioria dos casos ocorre com crianças, podemos analisar que boa parte delas não faz noção de que estão passando por uma situação de violência sexual, são crianças que na maioria das vezes não sabem sequer telefonar para realizar uma denúncia, podem estar acreditando em tudo o que o agressor está dizendo a elas, isto significa, que a criança possivelmente está achando normal a situação, pois foi dito a ela que é uma relação especial.

Da mesma maneira, existe a violência sexual contra bebês, cruelmente obscura como as demais, mas considerada uma situação favorável ao agressor, visto o aspecto de indefesa da criança, onde ela não apresenta possibilidades de se defender fisicamente, muito menos, verbalmente.

Aos adolescentes, existem diversas formas de coerção ou intimidação utilizadas pelos agressores, nesse sentido, o maior objetivo é fazer com que a vítima permaneça em silêncio. Nesses casos normalmente, envolve-se atitudes do agressor em fazer com que a vítima se sinta culpada por suas atitudes.

O aliciamento de crianças mais velhas envolve outros elementos e estratégias. Geralmente, essas crianças são recrutadas sem que os pais sejam aliciados, embora o pedófilo possa se oferecer para conhecer os pais como um modo de afastar o medo e a suspeita da criança. (SANDERSON, 2005, p. 157).

Conforme as colocações de Sanderson, podemos entender melhor esse processo, quando ela nos informa que em situações em que a criança tem pouca ou nenhuma orientação sobre educação sexual, na maioria das vezes ela acredita no que o agressor diz. Portanto, “passa a se responsabilizar pelo abuso sexual e se

culpa por isso. O sentimento de culpa e constrangimento evita que a criança revele o “segredo” por medo de ser culpada pelos pais”. (SANDERSON, 2005, p. 158).

Acerca das vítimas de violência sexual caracterizadas como adultas, na literatura em sua maioria são notificados mais casos de violência contra mulheres do que em homens. Isso pode ser explicado por alguns fatores determinantes, sendo as mulheres mais suscetíveis a essa posição, uma vez, que homens se colocam da condição de achar que possuem o direito de ter a dominação pelo corpo da mulher.

Conforme as colocações de alguns autores em suas pesquisas evidenciaram uma realidade pouco relatada na literatura, a qual condiz com a maioria dos casos de violência sexual sendo perpetrados por homens desconhecidos, e as vítimas caracterizadas por mulheres adultas, o que em questão, justifica a diferença de vínculo entre ambos. (FACURI. *et al.*, 2013)

Apesar de poucos casos de vítimas identificadas como homens adultos serem apresentados, isso não significa que essa condição é inócua, pois além de existir, causam diversas consequências, tais como nos demais casos.

Embora não haja um perfil de criança ou adolescente que pode ser vítima de violência sexual, pois todos correm risco independentemente de características pessoais ou sociais, alguns estudos realizados com o público masculino apontaram características que podem ser identificadas como fatores de risco: residir somente com a mãe, ou com nenhum dos pais; possuir pais recasados ou separados, abusadores de álcool ou com comportamentos criminais; meninos negros ou pardos; e fatores socioeconômicos, como pertencimento a camadas sociais de níveis mais baixos, foram identificados em um estudo de revisão de literatura. (HOLMES; SLAP, 1998, *apud* HOHENDORF, J. V.; HABIGZANG, L. F.; KOLLER, S. H., 2012).

A última pergunta de nossa pesquisa era: **“você sabe se foi realizada alguma denúncia? Caso sim, por gentileza você poderia contar resumidamente o desfecho da situação? Exemplo: o agressor (a) foi preso (a); está correndo o processo; nada aconteceu.”**

Percebemos que a maioria dos participantes da nossa pesquisa (84%) relataram que nada aconteceu com a situação do caso, isso evidentemente reflete um sistema falho em questões de incentivar a denúncia, primordialmente promover segurança à vítima, ou simplesmente a falta de acolhimento por parte dos órgãos de denúncia legal, assim como também sistemas de saúde.

Mediante as colocações da psicóloga Martha Giudice Narvaz, em seu estudo *Mulheres vítimas de violência doméstica e suas filhas vítimas de abuso sexual*, “são trazidas as condições de alguns casos, onde as crianças e as mulheres diziam-se desacreditadas ao realizarem seus relatos e, quando o faziam, não contavam com a proteção familiar, comunitária e institucional de que necessitavam.” (NARVAZ, 2005).

Ou seja, por mais que as vítimas procurem alguma forma de sair de tal contexto, se tem um sistema social opressor que não oferece o amparo ideal para que seja rompida essa condição de violência.

A escuta daquelas famílias, em especial das mulheres e meninas, revelou-nos, ainda, o despreparo das instituições para a acolhida das denúncias das violações que sofriam. Impregnadas por discursos que postulavam as teses da provocação e da sedução feminina, do silêncio, da conivência e da culpabilidade materna essas instituições, implícita e, por vezes, explicitamente, responsabilizavam as mulheres e as meninas pelos abusos sofridos. Instituições que deveriam ser instrumentos de garantia de direitos, de promoção de saúde e de proteção integral, constituíam-se em dispositivos disciplinares e de re-vitimização. (NARVAZ, 2005)

Para uma adequação as necessidades da população, entende-se a capacitação de todos os profissionais da justiça criminal, referindo-se aos direitos da vítima em escala social, ao se ter um ambiente ideal de acolhimento desde os primeiros passos ao informar seu estado perante a violência sexual. Mediante a esse processo, os profissionais devem ter um treinamento adequado, o qual consiga contemplar as instâncias de compreensão mais profundas sobre a violência sexual.

Mais uma vez, Sanderson (2005) aborda sobre a necessidade de entender os padrões de abuso; diferenças entre abuso sexual familiar e abuso externo à família; impacto do abuso múltiplo e organizado; bem como, os efeitos emocionais e psicológicos da violência sexual sobre a criança e, mais tarde, sobre sobreviventes adultos.

Nesse sentido, considera-se que para que se tenha um atendimento de qualidade, é necessário o preparo desses profissionais, ou seja, com um treinamento que contemple a devida assistência às vítimas, um ambiente que apresente um tratamento com maior sensibilidade, se tendo o apoio social e emocional, assim como também o comprometimento de todos os setores.

Desta maneira, que os profissionais atuem na prevenção e no combate desta violência, para que assim, tornem-se capazes de tomar decisões corretas que de fato protegem as vítimas.

No entanto, a pesquisa apresentou que 4% dos dados, se referem à questão de que houve denúncia, mas o agressor não foi encontrado, nessa situação ressaltamos, sobre como é representada a violência sexual em nosso país? Onde a verdadeira e necessária investigação não é realizada de forma ideal para contribuir com as legítimas camadas do problema.

Nota-se, entretanto, que a abordagem costumeiramente adotada pelas instituições e viabilizada pelos agentes do sistema de justiça criminal no atendimento e acolhimento desses casos, não raro, tem se colocado sob uma perspectiva punitivista, tratando a questão como um problema meramente pontual e marcando uma tendência em reproduzir estereótipos e papéis sociais nos episódios de violência sexual. É possível identificar a ausência de uma cultura sensível às questões de gênero, deixando de questionar a real origem do problema e de prestar a devida assistência às vítimas, inclusive, por vezes culpabilizando-as pelas agressões cometidas. (DE FREITAS. L, 2017, p. 2).

Outra questão relatada, diz respeito a 4% também, porém é colocado que não houve denúncia, pois o agressor era o próprio marido.

Nas descrições de Amendola, ele coloca a respeito de "situações em que os conselheiros tutelares recomendam às mães de vítimas de incesto que não se separarem dos companheiros, mesmo que abusivos". (AMENDOLA *apud* NARVAZ, M. G., 2004).

A reação das mulheres à violência varia de uma atitude passiva à tentativa de separação, que muitas vezes acaba em acomodação após consulta com a psicóloga do posto de saúde local, que as aconselham a não deixarem a família e propõe-se a tentar ajudar as coisas a melhorarem. (CECCONELO, 2003, *apud* NARVAZ, M. G., 2004).

Continuando, Fontes contribui ao mencionar a seguinte observação:

Identificou que crianças e adultos desconfiam e temem instituições que deveriam ser de proteção, tais como as escolas, a polícia, a justiça e o sistema de saúde e de assistência social. Temer que tais organizações possam prejudicar algum membro da família inibe a revelação e a denúncia dos abusos. (FONTES, 1993, *apud* NARVAZ, M. G., 2004).

Durante a pesquisa, também referente a 4% dos resultados, apresentou-se a colocação de que o agressor foi preso depois de 10 anos, mas por outros abusos que cometeu posteriormente.

Nessa informação, é notório que muitas vítimas não realizam a denúncia por diversas adversidades já mencionadas anteriormente. Ou seja, o agressor se beneficia da situação, uma vez que, continua cometendo seus atos.

Os discursos de sedução e de culpabilização do feminino têm atravessado a história há séculos. Além de serem percebidas como passivas, acusadas de permanecerem em relações violentas e de não protestarem contra os abusos sofridos, as mulheres e meninas têm sido vistas como provocadoras, sedutoras e, portanto, culpadas pela violência que sofrem. (JONES, 1994; KOLTUV, 1986; RAVAZZOLA, 1999; VIGARELLO, 1998; ZUWICK, 2001, *apud* NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H, 2007).

A repercussão de um caso de violência sexual ainda está submetida a julgamentos e colocações absurdas, por isso, inúmeras vítimas não se sentem seguras o suficiente para realizar a denúncia, sem mensurar os outros problemas envolvidos.

O processo de desculpabilização da vítima deveria ser colocado como prioridade, visto que não cabe às vítimas serem responsabilizadas pela violência que sofreram. Portanto, é necessário romper a esfera social de preconceito que ainda é vivenciada.

Um estudo recente citou a falta de efetividade da rede de apoio como mais um fator de risco para a criança ou adolescente vítima de abuso sexual e sua família (Habigzang *et al.*, 2006). Neste trabalho, o Conselho Tutelar foi o principal órgão procurado para a denúncia, mas a falta de acompanhamento pelos conselheiros prejudicou o andamento do caso. Esse resultado permitiu inferir a necessidade constante de capacitação desses profissionais. Outro problema constatado no estudo indicou que as vítimas e suas famílias permanecem vinculadas às instituições por volta de um ano, com um grande intervalo entre as intervenções realizadas, revelando, portanto, a morosidade dos serviços. (PELISOLI, C. *et al.*, 2010).

Valorizar a vida e favorecer com a proteção às vítimas de violência sexual é fundamental, promover a atenção necessária às pessoas envolvidas, analisando os contextos e informações sem duvidar ou constranger é um dever do profissional. Além disso, não submeter colocações às vítimas sem ter a real certeza de que a informação não tem algum equívoco, pois infelizmente, muitos mitos por trás do tema são repercutidos e movimentam grandes considerações errôneas, favorecendo maiores problemas aos casos.

Finalmente, 4% remetem-se a situação do agressor ter sido preso após 12 anos de processo. À vista disso, averiguando um sistema extremamente demorado,

que por assim dizer, não atende da melhor forma às necessidades da população. Nesse aspecto, o apoio ideal estaria configurado com maiores resultados positivos, sendo evidenciada a segurança às vítimas, acolhimento, resultados positivos nos casos, por fim se fazendo mais presentes as buscas por meio de ações jurídicas.

Ao mesmo tempo em que todas as instituições lutam contra os obstáculos e dificuldades e tentam contribuir para efetivar as medidas protetivas, também produzem a revitimização das pessoas envolvidas em situação de violência sexual, seja pela repetição de ações, seja pela descontinuidade do acompanhamento de seus clientes, seja ainda pela demora no atendimento. Apesar disso, considera-se que a 1ª VIJ (Vara da Infância e Juventude), por sua especificidade de prestação jurisdicional, não pode prescindir da contribuição dessas instituições. (DOS SANTOS, V. A.; COSTA, L. F., 2011).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O problema dessa pesquisa originou-se conforme as dificuldades e restrições para abordagem do tema a respeito da violência sexual nas aulas de educação sexual de Ciências e Biologia. Diante disso, a seguinte pesquisa contribuiu com as circunstâncias referentes a incentivar medidas preventivas, proporcionar alternativas didáticas, ao passo da disponibilização da Unidade de Ensino Potencialmente Significativa, a qual envolve o tema sobre a violência sexual.

Portanto, o desenvolvimento do material se torna pertinente, pois favorece como fonte de apoio aos professores, nesse sentido, destacamos as limitações sobre a não abordagem do tema nos períodos da graduação, assim como também, nota-se o estado de sobrecarga que os docentes se encontram, ou seja, o material comparece como recurso acessível e de fácil utilização, contribuindo para o exercício da docência. Outra observação relaciona-se à busca de informações precisas, exigindo considerável tempo, aspecto esse, que muitas vezes impossibilita a dedicação necessária para que o professor se sinta minimamente preparado para trabalhar com informações acerca da violência sexual. Nessas condições, espera-se o aproveitamento dos materiais disponibilizados na página do Instagram, onde todos possam beneficiar-se.

Ressaltamos que as análises, realizadas conforme a enquete divulgada no Instagram, apresentaram indícios relevantes para reflexão sobre o tema, no qual foi possível aprimorar discussões, visto os relatos, onde para a maioria dos participantes de nossa pesquisa, 84% relataram que nada aconteceu com o caso de violência sexual perpetrado. Evidentemente são necessárias medidas eficazes que promovam o incentivo às denúncias, visando a melhor adaptação psicológica das vítimas.

À medida das colocações postas acima, podemos ainda entender alguns aspectos relacionados à UEPS. Segundo Moreira, existem duas condições para aprendizagem significativa, sendo o material potencialmente significativo (que implica logicidade intrínseca ao material e disponibilidade de conhecimentos especificamente relevantes) e predisposição para aprender. Assim, pode se intuir que tais considerações caminham de maneira facilitadora para os processos da aprendizagem conforme a UEPS produzida em nosso trabalho.

Finalmente, de forma a adotar pesquisas futuras buscar analisar as concepções dos alunos após as aulas sobre educação sexual que vinculam a abordagem a respeito da violência sexual para obter o aprofundamento dentro do tema.

## REFERÊNCIAS

AMPARO, Deise Matos do; GALVAO, Afonso Celso Tanus; CARDENAS, Carmen and KOLLER, Sílvia Helena. A escola e as perspectivas educacionais de jovens em situação de risco. **Psicol. Esc. Educ.** (Impr.) [online]. 2008, vol.12, n.1, pp.69-88. ISSN 2175-3539.

Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-85572008000100006>>. Acesso em: 3 mai. De 2020

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA MULTI-PROFISSIONAL DE PROTEÇÃO À INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA (ABRAPIA). **Abuso sexual contra crianças e adolescentes: proteção e prevenção - guia de orientação para educadores**. Petrópolis, RJ: Autores & Agentes & Associados, 1997.

BORGES, J. L. **Abuso sexual infantil: consequências cognitivas e emocionais**. Dissertação de mestrado em psicologia - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

BORGES, J. L.; DELL'AGLIO, D. D. (2008). Abuso sexual infantil: Indicadores de risco e conseqüências no desenvolvimento de crianças. **Revista Interamericana de Psicologia**. 2008, vol.42, n.3, pp. 528-536.

BRASIL. Ministério da Saúde (MS). **Viva: sistema de vigilância de violências e acidentes: 2009, 2010 e 2011**. Brasília: MS; 2013.

BRITO, Ana Maria M. *et al.* Violência doméstica contra crianças e adolescentes: estudo de um programa de intervenção. **Ciênc. saúde coletiva** [online]. 2005, vol.10, n.1, pp.143-149.

CERQUEIRA, Daniel; COELHO, Danilo de S. C. **Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde (versão preliminar)**. In Nota Técnica do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, n.11, Brasília, 2014. Disponível em: <[http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/5780/1/NT\\_n11\\_EstuproBrasil-radiografia\\_Diest\\_2014-mar.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/5780/1/NT_n11_EstuproBrasil-radiografia_Diest_2014-mar.pdf)> Acesso em: 15 set. de 2020.

DE FREITAS, L. **Funcionalidade e Eficácia do Sistema de Justiça Criminal face à Violência Sexual Contra a Mulher no Brasil**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X. Disponível em: <[http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498868720\\_ARQUIVO\\_Artigo.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498868720_ARQUIVO_Artigo.pdf)>. Acesso em: 24 set. de 2020.

DOS SANTOS, V. A.; COSTA, L. F. A violência sexual contra crianças e adolescentes: conhecer a realidade possibilita a ação protetiva. **Estudos de Psicologia, Campinas**, v. 28, n. 4, out./ dez. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103166X2011000400013&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103166X2011000400013&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 12 set. de 2020.

FACURI, CLÁUDIA DE OLIVEIRA *et al.* Violência sexual: estudo descritivo sobre as vítimas e o atendimento em um serviço universitário de referência no Estado de São Paulo, Brasil. **Cad. Saúde Pública** [online]. 2013, vol.29, n.5, pp.889-898. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-311X2013000500008>>. Acesso em: 18 out. de 2020.

FURLANI, J. **Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

GONÇALVES, H. S; FERREIRA, A. L. 2002. A notificação da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes por profissionais de saúde. **Cadernos de Saúde Pública**. v.18 n.1 Rio de Janeiro jan./fev. 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-311X2002000100032>> Acesso em: 12 ago. de 2020.

HANSON, R. F., Self-Brown, S., Fricker-Elhai, A., Kilpatrick, D. G., Saunders, B., & Resnick, H. S. (2006). The relations between family environment and violence



exposure among youth: Findings from the National Survey of Adolescents. **Child Maltreatment**, 11(1), 3-15.

HOHENDORFF, Jean Von; HABIGZANG, Luísa Fernanda; KOLLER, Silvia Helena. Violência sexual contra meninos: dados epidemiológicos, características e consequências. **Psicol. USP** [online]. 2012, vol.23, n.2, pp.395-416.

Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-65642012005000007>> Acesso em: 18 out. de 2020.

INOUE, S. R. V.; RISTUM, M. Violência sexual: caracterização e análise de casos revelados na escola. **Estud. psicol.** (Campinas) [online]. 2008, vol.25, n.1, pp.11-21.

ISSN 1982-0275. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-166X2008000100002>>. Acesso em: 14 jan. de 2021.

LIRA, M. O. S. C. *et al.* Abuso sexual na infância e suas repercussões na vida adulta. **Revista Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 26, n.3, pp.1-8, 2017.

Disponível em:

<[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010407072017000300320&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010407072017000300320&script=sci_abstract&tlng=pt)> Acesso em: 15 abr. de 2020.

MOREIRA, M. A. O que é afinal aprendizagem significativa? Revista cultural La Laguna. Espanha, 2012.

MOREIRA, M. A. Unidades de Ensino Potencialmente Significativas - UEPS. **Aprendizagem Significativa em Revista**, v. 1, n. 2, p. 43–63, 2011. Disponível em:

<<https://www.if.ufrgs.br/~moreira/UEPSport.pdf>>. Acesso em: 09 ago. de 2020.

NARVAZ, M. G.; **Considerações sobre a revelação e a denúncia nos casos de abuso sexual.** Ministério Público do Paraná. Disponível em:

<<https://crianca.mppr.mp.br/pagina-77.html>>. Acesso em: 20 nov. de 2020.

NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. O feminino, o incesto e a sedução: problematizando os discursos de culpabilização das mulheres e das meninas diante da violação sexual. **Revista Ártemis - Estudos de Gênero, Feminismos e Sexualidades**, n. 6, 20 jun. 2007.

PELISOLI, Cátula; PIRES, Jarbas Pitaguary Machado; ALMEIDA, Maria Eliete de e DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Violência sexual contra crianças e adolescentes: dados de um serviço de referência. **Temas psicol.** [online]. 2010, vol.18, n.1, pp. 85-97. ISSN 1413-389X. Disponível em:

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2010000100008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2010000100008)>. Acesso em: 27 nov. de 2020.

SANDERSON, CHRISTIANE. **Abuso sexual em crianças: fortalecendo pais e professores para proteger crianças de abusos sexuais.** São Paulo: M. Books do Brasil. 2005.

SANTOS, Benedito Rodrigues dos & IPPOLITO, Rita. **Guia de referência: construindo uma cultura de prevenção à violência sexual.** São Paulo: Childhood - Instituto WCF-Brasil: Prefeitura da Cidade de São Paulo, Secretaria de Educação,

2009. Disponível no site: <<https://www.childhood.org.br/guia-de-referencia>>. Acesso em: 16 jul. de 2020.

TEIXEIRA, R. R. **Calados pelo machismo** – meninos e homens vítimas de violência sexual. Blog Psicologia viva. 20 mar. 2020. Disponível em: <<https://blog.psicologiaviva.com.br/violencia-sexual-de-meninos-e-homens/>> Acesso: 18 out. de 2020.

*Recebido em 23/06/2021*

*Versão corrigida recebida em 30/08/2021*

*Aceito em 06/10/2021*

*Publicado online em 15/12/2021*

Indexadores: LATINDEX – DIADORIM – SUMARIOS.ORG –  
LIVRE – ERIHPLUS – GEODADOS - GOOGLE SCHOLAR